



Antropologia

Para
leigos

Tradução da 2ª Edição

Cameron M. Smith



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Sumário Resumido

Introdução	1
Parte 1: O que É Antropologia?	7
CAPÍTULO 1: Sendo Humano: Visão Geral sobre Antropologia	9
CAPÍTULO 2: O Espelho da Humanidade: História da Antropologia	17
CAPÍTULO 3: Na Verdade, Quatro Espelhos: Estudo da Antropologia	31
Parte 2: Antropologia Física e Arqueologia	57
CAPÍTULO 4: Reunião Familiar Selvagem: Os Primatas	59
CAPÍTULO 5: Minha Carreira em Ruínas: Aprendendo sobre o Passado	83
CAPÍTULO 6: Ossos da Discórdia: Evidência Fóssil da Evolução Humana	101
CAPÍTULO 7: Lar Doce Lar: Homo sapiens sapiens, Nossa Espécie Biológica ..	125
CAPÍTULO 8: Caça, Pesca, Vela e Trenó: A Dispersão	145
CAPÍTULO 9: O Velho McDonald: As Origens da Agropecuária	165
CAPÍTULO 10: O Desenvolvimento da Civilização	187
Parte 3: Antropologia Cultural e Linguística	211
CAPÍTULO 11: O Tempero da Vida: A Cultura Humana	213
CAPÍTULO 12: De Kalahari a Mineápolis: Antropologia Cultural	231
CAPÍTULO 13: Podemos Falar? Comunicação, Símbolos e Linguagem	249
CAPÍTULO 14: Tipos de Tipos: Raça e Etnia	269
CAPÍTULO 15: Visitas! Identidade, Família, Parentesco e Gênero	285
CAPÍTULO 16: Não Faça Isso à Mesa! Religião e Política	303
Parte 4: E Agora? Antropologia, Mundo Moderno e Você	321
CAPÍTULO 17: Beija, Casa ou Mata? Diversidade, Conflito e Cultura	323
CAPÍTULO 18: Desastres Iminentes? Da Superpopulação aos Destroços Espaciais	337
CAPÍTULO 19: Eva e o Homem de Gelo: A Vanguarda da Antropologia Física ..	353
CAPÍTULO 20: Stonehenge e Você: Por que a Arqueologia Importa	365

1

O que É Antropologia?

AMOSERA

NESTA PARTE...

Obtenha uma visão geral sobre antropologia.

Compreenda a história da antropologia.

Veja como a antropologia é estudada atualmente.

AMOSTRA

NESTE CAPÍTULO

- » **Descobrimo o que é antropologia e como ela estuda a espécie humana**
- » **Explorando à la Indiana Jones: A antropologia física e a arqueologia**
- » **Vendo como as culturas e os idiomas se encaixam na antropologia**
- » **Descobrimo como a antropologia moderna analisa os problemas humanos atuais**

Capítulo **1**

Sendo Humano: Visão Geral sobre Antropologia

Por que todo mundo não é igual? Por que as pessoas no mundo todo têm diferentes tons de pele e de cabelo, e formas diferentes de se cumprimentarem? Por que não falamos todos um mesmo idioma? Existe tal coisa chamada de “natureza humana”?

Perguntas como essas fascinam a humanidade desde quando há registros escritos, e tenho certeza de que as pessoas, há milhares e até dezenas de milhares de anos antes da escrita, as faziam (seja lá qual idioma usassem). *Por que os outros não fazem as coisas como eu? O que há de errado com eles?* É claro, as pessoas do outro grupo, no topo da colina seguinte, estavam coçando a cabeça e fazendo as mesmas perguntas.

Entra em cena a *antropologia*, o estudo científico da humanidade. Neste livro, conto o que você precisa saber sobre ela, o que os antropólogos descobriram sobre a humanidade e o que eles querem dizer com a frase “há muitas maneiras de ser humano”. Também falo sobre como a antropologia funciona, e o que os antropólogos aprenderam sobre a humanidade, moderna e antiga. Você verá que, em cerca de um século de estudos, a antropologia ajudou a responder algumas das perguntas fundamentais que todos os homens fazem.

E conhecer a nós mesmos é importante se, como espécie, quisermos tomar boas decisões sobre nosso presente e futuro. Biologicamente, a humanidade precisa conhecer-se de modo a tomar boas decisões sobre tudo, desde a terapia genética até a agricultura geneticamente projetada. E, quanto à cultura, o conhecimento sobre nosso passado nos ajuda a entendermos o que somos hoje, para o melhor e para o pior. Temos uma longa e complexa história evolutiva que nos ajuda a compreender o que somos no momento. Na Parte 1 deste livro — especificamente nos Capítulos 2 e 3 —, você descobrirá como a antropologia estuda a humanidade sob a perspectiva biológica e a cultural. Na Parte 4, você verá como isso ajuda a humanidade a lidar com alguns problemas do mundo real.

Escavando a História da Antropologia

Durante um longo tempo, as respostas às questões profundas sobre a humanidade vinham dos textos religiosos. Por exemplo, quando os exploradores europeus perceberam que o Novo Mundo não era a Índia, os nativos norte-americanos — milhões de pessoas que ninguém esperava encontrar — foram descritos, sob uma perspectiva bíblica, como remanescentes das tribos perdidas de Israel.

Mas, desde o final do século XIX d.C, outra perspectiva surgiu: o estudo científico da humanidade, chamado *antropologia*. Inicialmente, a antropologia era um assunto pitoresco e muito simples, estudado como um hobby por todos os tipos de naturalistas e pseudocientistas. Porém, quando as pessoas começaram a se dar conta do quanto a antropologia poderia ensinar a humanidade sobre si mesma, começaram a levá-la mais a sério. Ela passou a ser uma ciência, a ciência da humanidade como um todo.

No Capítulo 2, exploro a história da antropologia e suas mudanças ao longo do tempo, deixando de ser uma pseudociência e tornando-se um estudo altamente técnico, atualmente, sobre o DNA humano, os fósseis antigos, a evolução da mente e como as culturas mudam com o passar do tempo. No Capítulo 3, há mais detalhes sobre como a antropologia se desenvolveu ao

longo do tempo, afetando como ela lida com o aprendizado sobre a humanidade, para começar.



LEMBRE-SE

As perguntas que os antropólogos fizeram (e fazem hoje) são, em parte, um reflexo dos tempos. Por exemplo, hoje em dia muita gente está investigando os efeitos da mudança climática nas populações humanas antigas. Isso não quer dizer que a mudança climática não seja um problema atual, mas que deveríamos ter cuidado ao projetar nossas ansiedades sobre o passado. Conhecendo o potencial das distorções, os antropólogos tomam cuidado ao fazerem suposições. Meu mentor, o professor Ken Ames, ensinou-me uma grande lição, logo cedo no meu trajeto de pós-graduação: *seja o mais cético possível quanto à sua hipótese favorita*. Tento me recordar desse conselho sempre que acredito ter descoberto algo!

Conhecendo as Subáreas da Antropologia

A antropologia tem uma história complexa, pitoresca e, às vezes, cheia de altos e baixos. Como verá no Capítulo 2, a área passou por diversas transformações, e, hoje em dia, há mil e uma formas de fazer antropologia.

Veja, o estudo da humanidade é um empreendimento vasto; assim, os antropólogos dividiram a tarefa em quatro subáreas principais:

- » **Antropologia física:** A humanidade como uma espécie biológica.
- » **Arqueologia:** O passado profundo da humanidade.
- » **Antropologia cultural:** A diversidade atual do comportamento da humanidade.
- » **Linguística:** O modo singular de comunicação da humanidade.

Conforme estuda antropologia, tenha em mente que, para compreender de fato a humanidade, os antropólogos precisam saber pelo menos um pouco sobre *cada* uma dessas subáreas. Por exemplo, um arqueólogo que estuda uma civilização antiga precisa saber o que um antropólogo físico tem a dizer sobre os ossos daquelas pessoas, pois eles indicam o que as pessoas comiam ou como praticavam medicina. E, atualmente, os antropólogos culturais não conseguem saber muito sobre uma cultura a menos que tenham um bom conhecimento sobre o idioma dela, exigindo uma certa familiaridade com a antropologia linguística.

Antropologia física

As diferenças físicas entre os grupos de seres humanos são facilmente percebidas; os europeus continentais tendem a ter a pele mais clara e cabelos lisos, e o pessoal da África tem tipicamente a pele mais escura e cabelos mais encaracolados. Essas são diferenças biológicas, e o objetivo da *antropologia física* (às vezes conhecida como *antropologia biológica*) — o estudo da humanidade como uma espécie biológica — é compreender como e por que essas variações na humanidade apareceram. As diferenças físicas entre os seres humanos vivos não são tudo com que a antropologia física se preocupa, mas a compreensão da variação humana (especialmente as diferenças genéticas) no mundo todo e ao longo do tempo é uma parte importante desse campo.

Na Parte 2, resumo as principais descobertas da antropologia física até hoje até sobrar apenas os esqueletos, o essencial. Esse material é tudo o que os antropólogos conhecem atualmente e um pouco sobre o que estão estudando e esperando aprender no futuro. O Capítulo 4 apresenta você à ordem primata, seu lar no reino animal. Os Capítulos 6 e 7 o levam à África, o berço da humanidade, para tratar das evidências fósseis (e um pouco de DNA) da evolução humana.

Como toda antropologia, a antropologia física está envolvida em muitas áreas ao mesmo tempo, do estudo dos fósseis à análise de DNA, documentando e explicando as diferenças a respeito da tolerância ao frio ou ao calor entre os povos do mundo, o estudo das doenças, as genéticas populacionais e dezenas de outros assuntos. O Capítulo 19 leva você ao estudo de vanguarda da antropologia física, focando a magnífica molécula chamada DNA.

Arqueologia

É difícil conhecer alguém sem saber um pouco sobre seu passado, e o mesmo se dá com a humanidade; muito do que fazemos hoje — bom e ruim — baseia-se nos atos e decisões de nossos ancestrais. Para compreendermos a humanidade um pouco mais a fundo, precisamos estudar o passado. É isso o que os arqueólogos fazem.

Porém o passado pode ser nebuloso (isso em um dia bom), pois a história — os registros escritos — não nos leva muito longe (e se você acredita em tudo o que está escrito nos antigos textos históricos, bem, talvez esteja interessado em comprar minha casa com vista para o mar em Minas Gerais). Por mais bem-intencionados que possam ter sido, os historiadores tiveram seus vieses, como todo mundo. E, é claro, os historiadores antigos não escreviam tudo, especialmente se não sabiam sobre a existência de, digamos, todo o hemisfério ocidental (Américas do Norte e do Sul, também chamadas, às vezes, de “Novo Mundo”).



LEMBRE-SE

Os arqueólogos são as pessoas que tentam preencher as lacunas da história ao estudarem os resquícios materiais das culturas antigas. São eles que ficam animados ao descobrirem um pedacinho antigo de cerâmica, não necessariamente pelo pedacinho em si (embora possa ser bonito), mas pelo que ele pode dizer à humanidade sobre nosso passado.

Os arqueólogos não se concentram apenas na correção ou no detalhamento dos registros históricos; eles também estudam os aproximados 2,5 milhões de anos da humanidade *antes* da invenção da escrita (o que aconteceu apenas há cerca de 6 mil anos).

O Capítulo 5 diz como os arqueólogos aprendem sobre o passado, da datação por carbono a escavações meticulosas. O Capítulo 7 discorre sobre o espalhamento dos seres humanos modernos saindo da África e indo a todas as partes do globo, e o Capítulo 8 apresenta alguns exemplos interessantes de como a humanidade se adaptou a cada ambiente imaginável, incluindo o Ártico e o Pacífico.

Antropologia cultural

A humanidade tem mais facetas do que apenas de onde viemos, nossas relações com os outros primatas ou como nossas civilizações antigas surgiram ou desapareceram. Também precisamos considerar toda a grande questão de por que as pessoas são diferentes hoje em dia no mundo todo. Por que as vestimentas polinésias tradicionais são diferentes das vestimentas tradicionais no Saara? Por que tantos asiáticos comem usando “pauzinhos”, mas outros usam garfo e faca? Por que um homem pode ter diversas mulheres em uma cultura, mas não em outra?

Infelizmente, as respostas do senso comum raramente estão certas — os “pauzinhos” não são um precursor arcaico do garfo e da faca, mas apenas uma forma diferente de levar comida à boca. De modo similar, as formas pelas quais as pessoas encontram parceiros para se casarem na sociedade tradicional indiana (talvez por casamentos arranjados) e a sociedade tradicional alemã são diferentes por causa da história da cultura nessas regiões, e não porque uma é um “avanço” em relação à outra. Os antropólogos culturais estudam, para começar, por que essas variações existem e de que maneira são mantidas como partes de tradições culturais, como elementos da identidade coletiva de determinada sociedade, sua *cultura*.

A Parte 3 trata da antropologia cultural, o estudo das culturas humanas vivas e a grande diversidade em como as pessoas se comportam. De forma geral, esses capítulos mostram os aspectos práticos do que os antropólogos culturais aprenderam sobre as culturas humanas vivas. O Capítulo 11 conta o que a cultura significa para os antropólogos (não, nada a ver com ópera

ou com festas formais regadas a vinho e queijos) e como ela é crucial para a sobrevivência humana.

No Capítulo 12, você verá que todas as culturas humanas são basicamente *etnocêntricas*, ou seja, acreditam que as próprias formas de fazer as coisas — de como comem a como se vestem — são adequadas, certas e superiores a quaisquer outras. Tal sentimento de superioridade pode levar (e levou) a tudo, de relações interculturais pobres a limpezas étnicas. Os antropólogos culturais, e o conhecimento e a compreensão que geram enquanto estudam os diversos modos de sermos humanos, suavizam nossas comunicações interculturais; como eles fazem isso também é apresentado no Capítulo 12. Isso ajuda os seres humanos a compreenderem outras perspectivas.

A Parte 3 também explica por que a raça e a etnicidade são questões tão voláteis (Capítulo 14), como a humanidade organiza a identidade (de agrupamentos familiares a categorias de gênero) e fica de olho nas relações interpessoais (Capítulo 15), bem como as características básicas das diversas tradições religiosas e sistemas políticos da humanidade (Capítulo 16).

Linguística

Dependendo da fonte, a humanidade como um todo fala algo em torno de 6 mil idiomas (embora a maioria das pessoas na Terra fale apenas de um a cinco). O Capítulo 13 explica o que é a linguagem e como os antropólogos linguísticos investigam suas mudanças — uma das questões mais fascinantes em toda a antropologia. Ao estabelecerem uma definição clara sobre a linguagem, os antropólogos linguísticos tiveram que comparar a comunicação humana com os sistemas de comunicação de outras coisas vivas. Tudo o que aprenderam — do fascinante estudo de como os seres humanos adquirem o idioma às camadas de significado que parecem estar presentes apenas na comunicação humana — dá à humanidade uma melhor compreensão de como a linguagem é singular e preciosa.

No entanto, tal singularidade está em risco, pois os idiomas se extinguem conforme mais pessoas passam a falar apenas uma das principais línguas utilizadas no mundo todo atualmente.

Decifrando os Métodos da Antropologia

Os métodos antropológicos variam de análises de DNA em laboratório a anotações sobre a linguagem corporal de dada cultura. Cada um desses métodos contribui para uma melhor compreensão das muitas maneiras de sermos humanos. A lista a seguir traz um panorama geral de alguns deles:

- » A evolução é o fundamento da biologia moderna, e os antropólogos físicos — que estudam a humanidade sob uma perspectiva biológica — se baseiam nela. Veja no Capítulo 3 os detalhes sobre o que exatamente a evolução é e não é, e como ela ajuda os antropólogos a estudarem a humanidade.
- » A arqueologia não trata apenas de Indiana Jones se livrando dos bandidos e salvando tesouros inestimáveis. O Capítulo 5 aborda os métodos dos arqueólogos, desde como monitoram o local em que objetos são encontrados à datação deles com o método de carbono-14.
- » Será que os antropólogos culturais realmente recebem bolsas para irem a outros países e estudarem o comportamento humano? Sim, mas há muito mais do que isso. O Capítulo 12 fala sobre os métodos da antropologia cultural, da observação à imersão em uma determinada cultura.
- » A complexidade da linguagem é uma das principais características que nos distinguem dos animais não humanos. O Capítulo 13 mostra como os antropólogos consideram e estudam a linguagem.

Antropologia Aplicada: Usando a Ciência no Cotidiano

A Parte 4 deste livro apresenta as diversas formas pelas quais as lições da antropologia são relevantes no dia a dia. A antropologia não é estudada apenas por professores desalinhados que usam paletós de tweed (embora eu tenha que admitir que, sim, tenho um paletó de tweed). Os antropólogos são empregados por muitas empresas e agências governamentais, levando o que sabem sobre a humanidade para as pautas corporativas, para a diplomacia internacional e outros campos, como *antropólogos aplicados*.

Os antropólogos aplicados ajudam a humanidade a se dar bem, em um sentido literal. O Capítulo 17 mostra como as lições da antropologia são importantes para a compreensão e a evitação de conflitos culturais.

A antropologia também ajuda a humanidade a sobreviver. A humanidade enfrenta desafios enormes, desde a superpopulação à extinção de idiomas e mudanças climáticas (tratadas no Capítulo 18), e as “soluções do senso comum” para esses problemas não são muito eficazes, às vezes porque o que achamos ser “senso comum” não se aplica a uma cultura diferente da nossa. Porém, com uma compreensão mais sutil sobre por que a humanidade é como é, os antropólogos aplicados estão mais bem preparados para implementar as mudanças, especialmente em nível comunitário, do que muitos oficiais de governos que talvez saibam muito sobre política de alto nível, mas pouco sobre tradições e valores culturais nas comunidades menores que governam.

O Capítulo 19 o leva ao laboratório, onde os antropólogos estão analisando o DNA com métodos que ajudarão a descobrir onde estão suas raízes genéticas. Esse capítulo mostra que, em última instância, elas estão no grande continente africano.

Por fim, o Capítulo 20 traz alguns exemplos interessantes de como as descobertas arqueológicas nos ajudam a detalharmos os livros de história. As pessoas comuns do mundo antigo — e, a menos que faça parte da realeza, isso representa seus ancestrais — não escreveram muito, mas a arqueologia lhes deu uma voz. Aqui, descobrirá sobre as vidas dos trabalhadores comuns do Egito Antigo, dos escravizados norte-americanos e dos desaparecidos nórdicos da Groenlândia.

- » Entendendo exatamente o que a antropologia estuda
- » Descobrimo como a antropologia define a humanidade e a cultura
- » Analisando as raízes históricas que levaram à antropologia moderna

Capítulo 2

O Espelho da Humanidade: História da Antropologia

Em 1949, o antropólogo Clyde Kluckhohn publicou “Espelho para o Homem”, uma introdução ao estudo da *antropologia*, o estudo da humanidade (*antro* significa “da humanidade”; e *logia*, “estudo da”). Desde então, as atitudes mudaram um pouco (a maioria das pessoas usa o termo “humanidade”, em vez de “homem”), mas as palavras de Kluckhohn ainda soam verdadeiras: “A antropologia segura um grande espelho ao homem e lhe permite ver a si mesmo em sua variedade infinita.”

A antropologia é o espelho de nossa espécie, um lugar para a humanidade ver o próprio reflexo. Mas é você que tem que ir olhar para que as descobertas surjam, com cuidado. Se quiser entender qualquer coisa, precisa ver tudo, inclusive as verrugas. Como espécie, descobrimos repetidas vezes que nossos vieses culturais — nossa forma *etnocêntrica* de achar que nossa cultura é superior a todas as outras — simplesmente estão errados; os seres

humanos descobriram novas formas de serem humanos. A antropologia estuda esses muitos caminhos.

O que a humanidade vê no grande espelho da antropologia? Antes de respondermos a essa questão, é necessário compreendermos de onde a antropologia vem. Ela não apareceu do nada e não foi inventada de um dia para o outro: ela foi sendo juntada aos poucos, refinada, reinventada, moldada e, então, reimaginada e reinterpretada de modo que, hoje, é um campo muito diverso, que segura muitos espelhos perante a humanidade.

Em vez de lhe dar a história completa da antropologia — o que exigiria um outro livro —, apresento neste capítulo as principais *ideias* que abriram caminho para a antropologia moderna. Assim como ocorre com qualquer ideia, você perceberá que algumas eram produtos específicos de sua época e que acabaram ficando pelo caminho, enquanto outras são mais duradouras e continuam a fascinar os antropólogos até hoje.

Chegando ao Âmago da Antropologia

Uma passagem muito interessante da *Odisseia*, de Homero, mostra Odisseu e sua equipe espiando figuras distantes em uma ilha em que estão prestes a pisar e ficam imaginando as pessoas que encontrarão. Será que essa turma tem uma agricultura organizada ou será que rouba comida? Venera os deuses e tem leis e assembleias legítimas? Ou será outro tipo de gente, talvez selvagens? Selvagens, é claro, eram as pessoas que não faziam as coisas como os gregos...

Homero escreveu sua obra cerca de 3 mil anos atrás, mas as perguntas que Odisseu fez já eram antigas. *Olha lá: pessoas diferentes de nós! Como serão?*

A antropologia está enraizada na pergunta sobre como é o Outro (com “o” maiúsculo). Mas, dessas raízes, cresceu uma planta grande, uma antropologia que não apenas observa o Outro, mas que mostra como examinar a nós mesmos. Os antropólogos hoje em dia continuam a aprender sobre a espécie humana ao estudarem as pessoas fora da civilização ocidental, mas também esquadriñham a humanidade como uma espécie biológica, investigam como o mundo moderno veio a existir examinando o passado e ficam obcecados com detalhes de características singularmente humanas, como a linguagem. Os antropólogos até mesmo assumiram o estudo da *própria* antropologia, sendo que alguns dizem, com efeito, que o espelho está quebrado e que, para melhor entender a humanidade, eles devem compreender a história da antropologia em si.

Ao examinarem a história de sua própria disciplina, os antropólogos deixaram de *pratear* o espelho — aplicar a camada reflexiva ao vidro — e começaram a colar os “espelhos quebrados” (ideias antropológicas ultrapassadas) para serem mais relevantes nos tempos modernos e, hoje em dia, tentam manter

o espelho limpo ao terem muito cuidado com suposições. Visto que a cultura pode mudar muito rapidamente, as perguntas que cada geração de antropólogos faz a si mesma tendem a mudar, então não é fácil manter tal espelho para a humanidade. De fato, alguns diriam que cada geração tem o próprio espelho, e que as perguntas *deveriam* mudar de acordo com a cultura.

Provavelmente, há espaço para cada uma dessas abordagens. Conforme os tempos mudam e aprendemos coisas novas, precisamos fazer novas perguntas. Porém, ao mesmo tempo, tenho certeza de que os tópicos a seguir sempre serão centrais à investigação da humanidade sobre si mesma — para o campo da antropologia:

- » **Quais são as coisas em comum entre os seres humanos do mundo todo?** Ou seja, o que todas as culturas humanas fazem?
- » **Quais são as variações entre os seres humanos do mundo todo?** Quer dizer, que coisas apenas algumas culturas fazem?
- » **Por que essas coisas em comum e diferentes existem, para começar?** Em outras palavras, por que nem todas as culturas e os comportamentos humanos são iguais?
- » **Como a humanidade muda ao longo do tempo?** Ainda estamos evoluindo? Se sim, como?
- » **Por onde a humanidade tem estado e o que isso nos mostra sobre aonde a humanidade está indo?** Ou seja, o que aprendemos sobre nós mesmos hoje a partir do nosso passado?

Para responder a essas e outras perguntas, um fundamento da antropologia é a *abordagem comparativa*, na qual as culturas não são comparadas umas com as outras em termos de qual é a melhor, mas em uma tentativa de entender como e por que são diferentes, assim como compartilham de coisas em comum. Esse método também é conhecido como *relativismo cultural*, uma abordagem que rejeita os julgamentos morais sobre diferentes tipos de humanidade e apenas examina cada relatividade com suas origens e história únicas.

Visto que a humanidade se qualifica como uma das muitas espécies biológicas no reino animal, outro fundamento da antropologia é a *evolução*, a mudança das espécies ao longo do tempo. Como analiso ao longo deste livro, tanto a biologia como a cultura humanas evoluíram ao longo de milhões de anos, e continuam a evoluir. E tem mais, pois a biologia humana afeta a cultura humana e vice-versa. Por exemplo, o cérebro humano ficou maior com o passar do tempo (mudança biológica), levando a uma inteligência aumentada, à linguagem e, depois, à escrita (uma mudança cultural na forma pela qual os humanos se comunicam). Os antropólogos chamam a evolução humana de evolução *biocultural* para ilustrar essa natureza dupla.



Cuidado com a ideia de que sempre precisa escolher apenas uma resposta para cada pergunta; talvez as respostas a uma pergunta do tipo “ou isso ou aquilo” não sejam as únicas. E, possivelmente, nenhuma resposta estará certa! Esse é o problema da “escolha falsa”, e uso isso com frequência, ao pensar: “Espera aí, será que essas são as únicas duas possibilidades? Não há outras?”

Atordoado e Confuso: O que É Ser Humano?

Um grande problema de sermos humanos é que isso nos faz refletir. Uma das maiores perguntas que temos é exatamente o que nós, seres humanos, somos. Como nos encaixamos com o restante do Universo? O filósofo do século XVIII Immanuel Kant escreveu que as três perguntas fundamentais eram: “O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar?” Assim como a memorável frase de René Descartes, “Penso, logo existo”, cada um dos pequenos fragmentos de Kant pode levar a uma vida inteira de introspecção. Se a antropologia é um espelho para a humanidade, a mente humana individual é em si mesma uma sala de espelhos. É uma maravilha que consigamos dar sentido a qualquer coisa!

Para chegarmos a qualquer lugar, precisamos começar com algumas definições. Estes termos aparecem ao longo do livro, então é importante ter uma noção deles o quanto antes.

Em antropologia, *humanidade* se refere à espécie humana, um grupo de formas de vida com as seguintes características:

- » *Bipedismo* (caminhar sobre duas pernas).
- » Dentes relativamente pequenos para primatas do nosso tamanho.
- » Cérebro relativamente grande para primatas do nosso tamanho.
- » Uso de linguagem moderna para comunicar ideias.
- » Uso de conjuntos complexos de ideias — chamados de cultura (falaremos sobre isso mais tarde) — para sobreviver.

Caminhar sobre duas pernas e ter especificamente dentes pequenos e cérebro grande são todas características *anatômicas*, e são estudadas pelos antropólogos que se concentram na evolução biológica. A sobrevivência pelo uso de uma vasta gama de informações culturais (incluindo instruções para a confecção de um casaco de pele no Ártico ou de um cantil de cerâmica no deserto) são características *comportamentais*. Cada uma exige tipos diferentes de antropologia para serem compreendidas.



LEMBRE-SE

Humanidade é um termo geral, que não especifica se estamos falando sobre homens, mulheres, adultos ou crianças; significa simplesmente nossa espécie — *Homo sapiens sapiens* — como um todo. O termo *humanidade* pode ser aplicado aos seres humanos modernos (*Homo sapiens sapiens*) assim como à maioria dos nossos ancestrais recentes, classificados mais genericamente como *Homo sapiens*, sem o sufixo da subespécie (o segundo *sapiens*). Quando exatamente o *Homo sapiens* evoluiu para *Homo sapiens sapiens* é uma questão complexa, que tem base em quando os seres humanos se tornaram *anatômicamente* modernos e quando se tornaram *comportamentalmente* modernos. Apresento essas perguntas um pouco depois neste capítulo e as investigo detalhadamente no Capítulo 7.

Dois tipos de cultura

Com uma noção básica sobre o que queremos dizer com *humano*, precisamos agora entender um pouco sobre as coisas que são singularmente humanas. Uma coisa importante é a cultura. *Cultura* é o conjunto inteiro de informações que uma mente humana usa para descrever o mundo e qual é o comportamento adequado para viver nele. *Diferenças culturais* são basicamente concepções distintas sobre o que é adequado em determinada situação. Por exemplo, as mulheres na cultura tibetana tradicional frequentemente têm mais de um marido, ao passo que os homens tradicionais do Tajiquistão (um país na Ásia central) em geral têm diversas esposas. Cada cultura, portanto, tem ideias específicas sobre o que é adequado em termos de casamento, e as diferenças entre o que cada uma considera adequado podem ser surpreendentes.



LEMBRE-SE

Os antropólogos em geral usam as palavras *sociedade* e *cultura* indistintamente, como faço neste livro. Falando de forma estrita, uma sociedade pode conter diversas culturas, então é uma unidade maior do que uma única cultura (por exemplo, a sociedade norte-americana atual engloba culturas irlandesas-americanas, hispano-americanas e nipo-americanas, só para mencionar três). A cultura, então, inclui ideias sobre a identidade (por exemplo, o significado da palavra *irmão*), a natureza (o que *selvagem* significa, ao contrário de *domesticado*), relações sociais (como cumprimentar a rainha da Inglaterra, que será diferente de como cumprimentar seu colega de futebol), e assim por diante.

Alguns antropólogos estendem a cultura aos objetos (chamados de *artefatos*) que a humanidade faz ou usa para auxiliar a sobrevivência. Nesse caso, a cultura é tanto a informação armazenada no cérebro (compartilhada em um grupo) como os objetos que esse grupo usa para sobreviver. Por exemplo, os artefatos (também denominados *cultura material*) incluem o distintivo arpão dos inuítes, esculpido a partir de ossos e usado para caçar focas. No entanto, nem todos os artefatos têm um valor óbvio de sobrevivência. Sob uma perspectiva externa, o tambor fabricado de forma especial para que um xamã (curandeiro) do Ártico use durante um ritual de cura não está *diretamente*

relacionado com a caça. Porém, na concepção do xamã, esse tambor específico é muito importante. Ele precisa ser feito da maneira correta e emitir o tom certo; de outro modo, a cura estaria em risco. Dessa forma, o tambor é tão importante à sobrevivência quanto o arpão. Perceba que o tambor, a cerimônia de cura e até mesmo o arpão de caça são todas coisas construídas de acordo com a cultura em uma região específica. Assim, são “artefatos culturais”.



A ideia de estender a cultura para que abarque os objetos físicos (artefatos) é que a cultura é o *meio extrassomático de adaptação*. Quer dizer, ao passo que outras formas de vida sobrevivem por meio de adaptações corporais (*somáticas*), a humanidade não depende muito de sua anatomia como de sua cultura, seu meio *extrassomático* de adaptação e sobrevivência. Acredito nessa abordagem e penso ser um conceito útil

Dois tipos de modernidade

O termo *humanidade* é um tanto delicado, porque os antropólogos o usam como referência à nossa espécie biológica, *Homo sapiens sapiens*, assim como a alguns de nossos ancestrais mais recentes na espécie mais geral *Homo sapiens* (sem a subespécie bem específica *sapiens*.) Quando a referência à espécie humana deve ser *Homo sapiens* ou *Homo sapiens sapiens* depende de se estamos falando sobre sermos *anatomicamente* ou *comportamentalmente* modernos.

Modernidade anatômica é ser anatomicamente indistinguível das populações modernas vivas. Esse termo entra em cena apenas quando os antropólogos estão observando ossos de criaturas antigas com aparência humana e perguntando se eram humanas. Falando de forma estrita, se os antropólogos não conseguem distinguir os ossos que estão observando daqueles das populações modernas, então os ossos são de uma pessoa anatomicamente moderna.

Modernidade comportamental significa comportar-se de uma maneira que seja indistinguível das populações modernas vivas. Essa classificação entra em cena apenas quando os antropólogos estão observando a complexidade do comportamento no passado — por exemplo, objetos feitos por antigos proto-humanos. Perguntar se as criaturas que fizeram esses objetos eram comportamentalmente humanas é uma questão difícil, que reexaminamos no Capítulo 7, mas, por ora, é suficiente saber que as pessoas comportamentalmente modernas empregam o *simbolismo*, o uso de um objeto para representar outro. O sangue, por exemplo, é uma substância comum, mas a humanidade também pode usá-lo — ou suas propriedades, como a cor vermelha — simbolicamente para ativar emoções, memórias e ações em outras pessoas. Essa capacidade singularmente humana para o uso complexo dos símbolos é uma parte grande da modernidade comportamental.

No Capítulo 7, exploro exatamente quando e onde a humanidade se tornou comportamental e anatomicamente moderna.

“Ismos” e a Criação da Antropologia

Como a maioria das disciplinas acadêmicas, a antropologia não foi simplesmente inventada de forma organizada e do dia para a noite; considero-a como um monstro de ideias e perguntas à la Frankenstein, selecionadas de outras disciplinas, remendadas e costuradas em um todo mais ou menos funcional. (Leia mais sobre as diversas subdisciplinas da antropologia no Capítulo 3.)

Mas, mesmo antes de a antropologia existir como um campo acadêmico distinto, seus fundamentos foram lançados por pessoas que faziam outras coisas que, posteriormente, seriam chamadas de antropologia (ou que agiriam como diretrizes para a criação da antropologia). Heródoto, um pensador grego do século VI, descreveu os povos e as antiguidades do Egito, e Júlio César descreveu as pessoas que encontrou na França (os gauleses) e no sul da Inglaterra (os bretões) na década de 50 a.C. E os egípcios antigos escreveram sobre seus vizinhos ao norte (no Oriente Próximo) e ao sul (os núbios do atual Sudão); claramente, as pessoas tinham interesse em outras pessoas há muito tempo. Só que esses relatos eram curiosidades ou passagens escritas como declarações políticas, e eram em grande parte descritivos. Eles mostravam como as coisas *eram* (mais ou menos), mas não entravam em muitos detalhes sobre o *porquê*. Como descrições, eram bem precisos — mas ofereciam poucas explicações sistemáticas sobre a diversidade humana.

Apenas nos séculos XIX e XX d.C. as pessoas passaram a sair sistematicamente dos centros da civilização ocidental (na Europa e na América do Norte) com o objetivo específico de estudar outras pessoas. (Embora haja antropólogos em praticamente todos os países hoje em dia, a disciplina foi uma invenção da Europa e da América do Norte do século XIX a.C.). Em vez de explicar outros povos, os não europeus, com lendas antigas ou com explicações religiosas, os primeiros antropólogos tentavam obter um grau de objetividade usando o método científico. Estava longe de ser perfeito, e algumas coisas deram errado no início da antropologia; mas a semente foi regada e uma nova disciplina começou a crescer.

Colonialismo

A antropologia inicial tem muitas raízes, e algumas foram os esforços da civilização ocidental para compreender melhor as terras e os povos que estava colonizando. Isso não é um revisionismo histórico ou uma depreciação da civilização ocidental — são apenas fatos.

Por exemplo, em 1902, o *Relatório da Comissão Filipina* afirmou: “Desde a chegada dos portugueses às águas orientais, a mente dos malaios parecia

um livro fechado aos europeus. Ambas as raças compreenderam mal uma à outra, e não houve confiança. Da ignorância mútua e do medo surgiram o ódio, a opressão e a retaliação... este governo está tentando levantar um novo padrão de relacionamento entre o homem branco e os malaios. O sucesso... dependerá... de nossa compreensão concreta e de nosso entendimento científico dos povos cujos problemas estamos enfrentando.”

Os problemas mencionados pelo relatório se referem à questão ocidental de como transformar os malaios em trabalhadores melhores, e a solução era uma compreensão científica daquela gente a ser alcançada por meio da nova ciência da antropologia. Especificamente, tal nova ciência usaria uma de suas principais ferramentas, a etnografia, para ajudar o esforço colonial. A *etnografia* é a observação direta de um grupo de pessoas que vivem perto umas das outras ou juntas, e faz registros do que é observado.

Esse tipo de estudo não surpreende atualmente, mas tenha em mente que, por um bom tempo, o conhecimento sobre o que acontecia em culturas não ocidentais não se baseava em experiências diretas, mas em relatórios superficiais de pessoas de fora. Esses relatórios julgavam — usando a abordagem baseada na Bíblia da civilização ocidental — o que era observado. Era um erro comum, que levou anos para ser corrigido a fim de a antropologia compreender cada cultura em seu próprio contexto singular.

PALAVRAS DURAS PARA A ANTROPOLOGIA INICIAL

Embora os europeus tenham começado a colonizar substancialmente o Novo Mundo e outras “descobertas” no século XVII, a empreitada colonialista não foi totalmente alcançada e apoiada pela industrialização até a chegada do século XIX. As primeiras *etnografias* — documentos descrevendo as culturas não europeias feitos por pessoas que viveram durante algum tempo naquelas culturas — eram em geral pouco mais do que relatórios de inteligência para serem usados na exploração.

Em 1966, Claude Levi-Strauss, um dos principais antropólogos de sua época, escreveu que a antropologia cultural e a etnografia estavam enraizadas em um contexto histórico no qual “... a maior parte da humanidade [foi feita] subserviente ao outro, e durante a qual milhões de seres humanos inocentes tiveram seus recursos saqueados e suas instituições e crenças destruídas, enquanto eles próprios eram implacavelmente mortos, lançados à escravidão e contaminados por doenças a que não conseguiam resistir”.

As etnografias colonialistas tinham algumas características distintas:

- » **Racismo:** Em especial, a ideia de que as pessoas não ocidentais eram inferiores às ocidentais e, portanto, tinham que ser educadas de acordo com as melhores habilidades do poder colonialista (mas sempre permaneceriam sendo inferiores).
- » **Darwinismo social:** Especificamente, a ideia de que as pessoas não ocidentais estavam destinadas a serem ocidentalizadas (nesse caso, deveriam ser ajudadas para tanto, por exemplo, ao banir seus costumes e substituí-los pelos ocidentais) ou condenadas à extinção (nesse caso, não havia muito a ser feito por elas, exceto documentá-las como itens vivos de exibição em museus, antes de se tornarem extintas).
- » **Etnocentrismo:** A ideia de que a civilização ocidental estava no pináculo da evolução humana e que todas as outras formas de vida eram inferiores; observe que tal visão não é exclusiva da civilização ocidental — muitas culturas do mundo todo acreditam nela também.

Embora a antropologia inicial estivesse enviesada por seu envolvimento com o colonialismo, com a chegada da década de 1950 muitos antropólogos reconheceram que as etnografias que estavam sendo produzidas sob o paradigma colonialista não eram tão objetivas quanto poderiam ser e começaram a questionar o antigo conceito de raças evidentes; em 1969, a Associação de Antropologia dos Estados Unidos formou um Comitê de Ética. Em meados da década de 1970, diretrizes para uma etnografia ética estavam sendo publicadas, e, hoje em dia, alunos de pós-graduação passam por um treinamento sobre ética e relações humanas antes de fazerem trabalho de campo.



Pesquisas antropológicas feitas por pesquisadores dos EUA e financiadas pelo governo normalmente exigem uma avaliação e aprovação pelo Conselho de Avaliação Institucional para garantir que a “pesquisa de sujeitos humanos” não prejudique as próprias pessoas que está pesquisando.

Embora os antropólogos ainda devam considerar muitas questões éticas ao realizarem pesquisas em meio a outros seres humanos, estou confiante de que a maioria dos etnógrafos atualmente não trabalha em prol de esforços colonialistas ou contrários ao interesse do povo que estudam. De fato, minha impressão é a de que a maioria dos etnográficos atuais faz o oposto: eles trabalham em prol do interesse das pessoas que estudam. Essa abordagem tem suas próprias armadilhas, caso o pesquisador glorifique as pessoas que está estudando, de modo que permanecer um observador imparcial e científico seja um desafio constante. Ao mesmo tempo, a maioria dos antropólogos — de uma forma ou de outra — está trabalhando para responder algumas das perguntas básicas que vimos na seção “Chegando ao Âmago da Antropologia”, anteriormente neste capítulo.

Antiquarianismo

As raízes da *arqueologia* (o ramo da antropologia que estuda o passado antigo) remontam a um interesse distintivamente não científico pelo passado. Muitas motivações causaram esse interesse *antiquariano* (pré-científico) inicial. Por exemplo, a realeza suméria antiga encomendou escavações que mostrariam suas ligações com heróis da cultura mítica. Em outro exemplo, os comerciantes franceses do século XVI vendiam *raridades* (artigos incomuns, em geral, muito antigos e de funções misteriosas) para as famílias reais em toda a Europa; e os intelectuais ingleses qualificados do século XIX enchiam suas salas de visitas com artefatos, tendo a intenção de demonstrar o alto grau de educação e de interesse pelo esotérico. Ter um “armário de curiosidades”, repleto de objetos antigos (cerâmica, machados de pedra e assim por diante) era uma ótima maneira de promover-se socialmente, pois era uma prova de riqueza e do fato de que podia se dar ao luxo de ter tempo para estudar. Foi apenas na década de 1850 que um número considerável de investigadores — que começaram a se autodenominar arqueólogos — começou a documentar cuidadosamente o que escavavam, tratando os artefatos não apenas por seu valor monetário ou social, mas por seu valor científico.

Assim como a etnografia colonialista, a arqueologia antiquariana tinha algumas características distintas:

- » **Foco na arqueologia grande e visível:** Em especial, grandes ruínas — como as da cidade murada de Troia, as Pirâmides do Egito ou o Partenon —, que foram relativamente fáceis de serem descobertas e analisadas. (Essa propensão pelo tamanho também levou a um foco nas famílias reais do mundo antigo, pois estavam associadas com esses grandes monumentos, ao passo que as pessoas comuns eram enterradas em outros lugares e basicamente ignoradas pelos arqueólogos até a década de 1960.)
- » **Foco no mundo ocidental:** Os primeiros arqueólogos acreditavam em grande parte que o Ocidente estava no pináculo da evolução, e que todas as outras sociedades se tornariam ocidentais ou seriam extintas.
- » **Foco no valor monetário:** Muitos buscavam antiguidades não por seu valor de conhecimento, mas como itens que poderiam ser vendidos.
- » **Conceito de tempo raso:** Até a década de 1860, muitos acreditavam que a Terra tinha apenas alguns milhares de anos, e que a maioria das explicações do mundo antigo estava na Bíblia cristã.

OLE WURM E O HOMEM FORTE DO CIRCO

As raízes da arqueologia científica moderna estão na Europa, onde, da década de 1659 até a de 1850, homens de todos os tipos (sim, por muito tempo, a maioria eram homens) buscava descobrir antiguidades e raridades do mundo antigo e levá-las para casa. Esse grupo variado incluía naturalistas genuínos, como o pré-historiador dinamarquês Ole Wurm, legiões de intelectuais britânicos ricos vagamente interessados e Giovanni Belzoni, charlatão nascido na Itália, homem forte do circo e explorador das pirâmides egípcias.

Wurm (1588–1654) foi um professor dinamarquês de medicina com interesse em, bem, tudo. Ele pagava os alunos para que coletassem objetos e raridades sempre que viajassem para o exterior; assim, juntou uma coleção impressionante de artefatos, esqueletos, fósseis, rochas, estátuas antigas e outras quinquilharias. Trabalhando sob a impressão de que o mundo tinha apenas alguns milhares de anos, Wurm organizou os objetos em seu museu não de acordo com a idade (como fazemos hoje), mas pela semelhança que tinham entre si. Esse foi um começo de organização sistemática dos muitos objetos novos que eram descobertos por exploradores, mas era diferente da arqueologia atual, pois não havia uma compreensão da idade real da Terra e da humanidade.

Aos 25 anos, Belzoni (1778–1823) havia fugido de uma escola monástica em Roma e começou uma carreira que durou 12 anos como o fortão em um circo inglês. Quando viajou para o Egito, em 1815, começou rapidamente uma nova carreira extraordinária como “antiquário”. Dentro de poucos anos, havia enviado muitas relíquias egípcias antigas para o Museu Britânico em Londres, incluindo estátuas de muitas toneladas. Em 1818, usou o que alguns chamaram de sua genialidade engenheira para localizar uma passagem para a Grande Pirâmide de Gizé; embora acabasse descobrindo que ela já tinha sido pilhada, suas aventuras dramáticas publicadas foram o suficiente para inflar o público com histórias de caça ao tesouro e relíquias de eras antigas. Embora não fosse acadêmico, creditou-se a Belzoni o encorajamento dado ao público para que se interessasse pelo mundo antigo.

Embora a arqueologia tenha começado sem objetivos científicos, no início da década de 1990 as pessoas sabiam que a Terra era muito antiga e que a evolução havia moldado a humanidade há milhões de anos, e os arqueólogos tinham começado a fazer registros muito cuidadosos do que encontravam. Confira mais a respeito dos métodos arqueológicos no Capítulo 3. Por ora, apenas saiba que, embora o estudo tenha começado no antiquarianismo, ele se desenvolveu em uma ciência moderna que revelou muita coisa sobre o passado humano.

Cientificismo

Na década de 1930, a antropologia estava se tornando um campo acadêmico distinto em todo o mundo, com antropólogos tentando — de maneiras diferentes — examinar algumas das questões básicas resumidas na seção anterior deste capítulo, “Chegando ao Âmago da Antropologia”. Conjuntos de teorias até chegaram a ser desenvolvidos, cada um sendo uma lente diferente pela qual interpretar as culturas do mundo (que estavam sendo documentadas por etnógrafos). Basicamente, uma abordagem científica era aplicada ao estudo da humanidade. A característica essencial da abordagem científica é a *objetividade* (a ideia de que é possível aprender sobre o Universo de forma imparcial). Por exemplo: em tempos pré-científicos, a humanidade e a Terra eram consideradas de forma muito literal como o centro do Universo, mas séculos de estudo imparcial e objetivo mostram que nem mesmo nossa galáxia está no centro do Universo, e que nossa espécie é apenas uma entre os milhões ou bilhões de espécies na Terra.

Pois bem, como qualquer outra ideia, essa poderia ir longe demais, como ocorre quando as pessoas aplicam inadequadamente os conceitos biológicos às mudanças culturais (resultando no *darwinismo social*, uma ideia errada que examino na Parte 3), mas, basicamente, era um passo na direção da objetividade, ou uma tentativa de filtrar suas próprias concepções culturais ao pensar sobre outras culturas ou documentá-las. Era uma tentativa, então, para combater o etnocentrismo.



PAPO DE ESPECIALISTA

Embora alguns atualmente façam adesão à filosofia *pós-moderna*, que basicamente afirma que todo conhecimento é socialmente construído e que nunca conseguimos sair da caixa (estamos desesperadamente presos sob uma casca etnocêntrica), eu não compro essa ideia. Acredito que os seres humanos *conseguem* ser de algum modo objetivos e fazer declarações acuradas sobre o que observam. Por exemplo, tenho bons motivos para acreditar que Plutão existe e que continuará existindo se a humanidade de repente se extinguir. Sob essa perspectiva, não inventamos Plutão, nós o descobrimos.



LEMBRE-SE

Não fique perdido com a hierarquia de terminologia científica com relação às observações. Uma *observação* é algo que você viu ou documentou cuidadosamente de outro modo; uma *hipótese* é uma declaração que propõe a relação entre duas variáveis (por exemplo, o estado *líquido* da variável *água* mudará para o estado *sólido* quando a variável *temperatura* for diminuída suficientemente). Uma *teoria* é uma forma mais complexa de hipótese, e um *fato* é uma afirmação — normalmente baseada em múltiplas hipóteses confirmadas — que representa muitas observações bem documentadas. Observe que uma teoria não é apenas um palpite; normalmente, é uma proposição plausível e bem pesquisada.

A tentativa de acrescentar um pouco de objetividade científica à antropologia levou ao reconhecimento e à adoção de duas perspectivas muito importantes:

- » A perspectiva *êmica* é a da pessoa dentro de uma cultura — é a visão do interno. Por exemplo, é o conceito de um membro do regimento da Nova Guiné sobre o que constitui assassinato, embora um cientista ocidental possa ter uma percepção diferente sobre essa palavra.
- » A perspectiva *ética* é a da pessoa de fora de uma cultura — a visão de um externo. Por exemplo, é a definição de um cientista sobre assassinato que ele deseja usar ao comparar as punições de muitas sociedades diferentes para quando alguém mata outra pessoa.

Embora manter uma perspectiva *êmica* ou *ética* em seu campo de trabalho ou em suas observações não seja sempre fácil, os antropólogos se esforçam para terem conhecimento tanto *êmico* quanto *ético*. Leia mais sobre essas perspectivas no Capítulo 12.

Holismo

Outra ideia que chegou à antropologia com a ciência foi o conceito de *holismo*, que é o reconhecimento que todas as partes de uma cultura humana são mais ou menos interdependentes (leia isso com cuidado — não é independente, mas *interdependente*). O que aconteceu foi que estudar um único aspecto de uma cultura não estava funcionando para entender uma cultura inteira. Por exemplo, o *parentesco* (como as pessoas consideram suas relações com outros membros da sociedade) pode ser influenciado pela economia, e a economia pode influenciar a religião e a política (ou ser influenciada por elas).

Ao longo do tempo, então, os antropólogos tiveram que reconhecer que as muitas facetas da experiência humana estavam inter-relacionadas. Tal descoberta não tornou os seres humanos mais fáceis de estudar, mas era melhor do que trabalhar sob a impressão de que as sociedades humanas seriam facilmente compreendidas. E, hoje, os antropólogos ainda estão tentando descobrir como compreender as inter-relações das muitas facetas da cultura humana — mas pelo menos não ficam mais iludidos com a ideia de que todas as instituições culturais, por exemplo, entrosam-se perfeitamente com alguma outra instituição, de modo que ambas funcionem em perfeita harmonia. Essa ideia (uma das muitas concepções *funcionalistas* que focavam como cada aspecto da cultura cumpria determinada função, como as partes de uma máquina complexa) simplesmente não reconhecia que as pessoas são contraditórias e que é difícil definir as culturas. Por exemplo, embora sua cultura lhe dê muitas instruções sobre como se comportar, quantos de